

ESPAÇOS URBANOS,
SEGREGAÇÃO
SOCIAL E CONSUMO
SIMBÓLICO:
UM ESTUDO SOBRE
A COBERTURA
DOS ROLEZINHOS
EM TERESINA/PI

[ARTIGO]

Flora Fernandes Lima
Leila Lima de Sousa

[RESUMO ABSTRACT RESUMEN]

O presente estudo propõe analisar a cobertura do site noticioso CidadeVerde.com sobre rolezinhos realizados em Teresina-PI, nos meses de março e abril de 2014. Ao todo, seis matérias foram analisadas através da técnica de análise de conteúdo categorial (BARDIN, 2011). Tendo como aporte teórico temas como representação, subjetividade, identidades, segregação e medo, fazemos uso de autores como Moscovici (2010), Arguello (2005), Foucault (2012), entre outros, para explicar como as instituições e a organização social atuam na fabricação de representações e segregação de determinados grupos, excluindo-os de espaços até mesmo simbólicos de pertencimento. Como conclusão, acreditamos que os meios de comunicação, validados por representações naturalizadas no imaginário social, fabricam e reforçam estereótipos que representam, de uma maneira generalista, o medo e a violência.

Palavras-chaves: Rolezinho. Representações sociais. Medo. Violência. Adolescentes.

This study intends to analyze the coverage of news CidadeVerde.com site about rolezinhos conducted in Teresina-PI, in March and April 2014. In all three subjects were analyzed by categorical content analysis (Bardin, 2011). Having as the theoretical topics such as representation, subjectivity, identity, segregation and fear are used authors as Moscovici (2010), Arguello (2005), Foucault (2012), among others, to explain how society constructs representations and segregation of certain groups excluding the spaces even symbolic belonging. It is believed that the media, validated by naturalized representations in the social imaginary, build and reinforce stereotypes that represent a general way, fear and violence.

Keywords: Rolezinho. Social representations. Fear. Violence. Adolescents.

Este estudio tiene como objetivo analizar la cobertura de noticias del sitio CidadeVerde.com sobre rolezinhos realizados en Teresina-PI, en marzo y abril de 2014. Três noticias fueron analizados por análisis de contenido de categorías (Bardin, 2011). Teniendo como conceptos teóricos la representación, la subjetividad, la identidad, la segregación y el miedo, hacemos uso de autores como Moscovici (2010), Arguello (2005), Foucault (2012), entre otros, para explicar cómo la sociedad construye representaciones y segregación de grupos, con exclusión de los espacios, incluso simbólica y de pertenencia. Se cree que los medios de comunicación, validados por las representaciones naturalizados en el imaginario social, construyen y refuerzan los estereotipos que representan el miedo y la violencia en general.

Palabras clave: Rolezinho. Representaciones sociales. Miedo. Violência. Adolescentes.

INTRODUÇÃO

Os adolescentes de baixa renda, e em sua grande maioria negros, são muitas vezes enquadrados como grupos sociais marginalizados e alvo de políticas de exclusão e punição. Passam a ser reconhecidos, muitas vezes de forma estereotipada, como grandes causadores da criminalidade. Esses grupos também são alvos de violência estrutural, que vai mais além que conflitos diretamente observados e apresentados pela mídia como a representação maior da violência (PEREIRA, 2000).

Essa violência na verdade mostra-se como resultante de interações e relações sociais assimétricas estabelecidas entre os entes de uma sociedade. Nesse sentido, mesmo sendo a existência da violência detentora de características multifacetadas e multideterminadas, as populações estereotipadas como risco ou problemáticas são muitas vezes indiscriminadamente apontadas como grandes causadoras de conflitos. O medo da violência e do crime passa a ser representado na figura desses sujeitos que são, já em virtude dos estereótipos socialmente reforçados, frequentemente reconhecidos e apontados pela sociedade como ameaça social, mesmo quando não a representam de fato.

O sentimento de vulnerabilidade gerado em torno de possíveis situações de violência desencadeia a associação da necessidade de controle social através de novas leis, condenação de determinados estilos de vida e adoção de comportamentos que visam evitar situações de perigo (CALDEIRA, 2000).

O medo da violência, explicitado na busca por evitar situações consideradas perigosas, pode ser considerado como fator gerador de angústia social e atíca um índice cada vez menor de tolerância com atos criminosos, além de desencadear demandas punitivas e de controle, direcionadas principalmente aqueles praticados por parcelas já marginalizadas socialmente.

São construídas dentro de um viés excludente as identidades dos adolescentes que, mesmo não tendo quaisquer associações com atividades criminosas, são indiscriminadamente associados à violência e risco. Quando presentes em determinados ambientes causam incômodo e em consequência medidas que objetivam minimizar o desagrado causado por sua presença em lugares originalmente não concebidos como espaços para sua circulação. Os rolezinhos e as ações restritivas e de punição desencadeadas por esse avanço em áreas de consumo, como shoppings, são analisadas ainda de maneira inicial por esse estudo que entende os motivos da segregação como aspectos já enraizados historicamente na cultura do país, que desde a escravidão já separava espaços e pessoas entre Casas Grandes e Senzalas.

As identidades construídas conforme modelos sociais valorizados tentam reforçar-se através da distinção entre aqueles que representam “perigo” e “ameaça”, mas que na maioria das vezes não representam de fato. Aqueles que se enquadram dentro dessa faixa também buscam distanciar-se através de processos de tentativas de adequamento social que podem ser ilustrados por consumo de

marcas ou dos mesmos espaços sociais, como no caso dos rolezinhos.

Para constituição da análise utiliza-se a perspectiva das representações sociais e análise categorial de Bardin (2011) em notícias do Portal CidadeVerde.com que abordaram rolezinhos da cidade de Teresina-PI. Foram encontradas as categorias I- Tumulto e violência; II - Legitimação da força policial e III - População de bem x jovens da periferia. As categorias encontradas reafirmam a noção de que os sujeitos cujas identidades são constituídas mediante estigmas de rejeição são barrados em determinados espaços, majoritariamente dos de consumo, em decorrência do desconforto causado pelo encontro entre “cidadãos de bem” e identidades socialmente indesejadas. ■

2. MEDO E INCÔMODO SOCIAL: PROCESSOS DE SEGREGAÇÃO DOS ESPAÇOS

É possível, pelo menos em parte, entender a segregação dos espaços, ainda facilmente observável, tendo em vista o longo histórico de divisão de ambientes sociais já formalmente justificado pela ciência, por exemplo, através da Teoria Eugênica criada no século XIX por Francis Galton cujo foco no estudo do aprimoramento da raça humana através do estudo da hereditariedade foi utilizada para justificar ideologicamente o acesso a recursos sociais dos indivíduos (MACIEL, 1999). Outro teórico que segue ideia associável a essa, Cesare Lombroso (1835-1909), dentro da perspectiva dos estudos da criminologia, embasou-se na antropologia e buscou estabelecer relações entre características físicas e mentais com a pré-disposição delitiva em decorrência de uma suposta evolução incompleta. Esses autores são exemplos de ideais validados cientificamente que, mesmo sendo atualmente desacreditados ainda continuam presentes dentro do senso comum.

O fato de se considerar, a partir desses paradigmas, que características inerentes ao contexto social e genético do sujeito possam influenciar na prática de crimes, faz com que alguns indivíduos possam ser, com base essencialmente em características genéticas, considerados distintos dos homens “normais” e desprovidos de livre arbítrio para decidir sobre o ato de praticar ou não crime, que passa a ser algo visto como inerente à sua natureza. Cria-se dessa forma o estereótipo de um inimigo da sociedade cujos atos sempre estarão associados à criminalidade e violência (ARGUELLO, 2005).

O isolamento ou mesmo o extermínio físico desses inimigos associados afasta esses sujeitos da condição de cidadãos comuns e justificavam posteriores medidas de segregação e punição, mobilizando a população a também contribuir (COIMBRA, 1997). O estereótipo recorrentemente temido no atual contexto social é o do criminoso que passa também a ser alvo dos esforços para solução de problemas sociais e de segurança.

A segregação e a modificação de potenciais ameaças sociais podem ser enquadradas como meio de “sansão normalizadora” (FOUCAULT, 2012), descrita como ferramenta do modelo disciplinar de controle repressor e que torna penalizáveis tanto infrações a normas previstas por lei quanto os menores movimentos fora do que é adequado à norma. Esses processos de disciplinarização, que já existiam em instituições como escolas, conventos, presídios, etc, no decorrer dos séculos XVII e XVIII tornam-se fórmulas gerais de dominação. Tais formas de disciplinarização podem ser vistas, por exemplo, no controle dos horários e ritmos de trabalho, por exemplo. A disciplina funciona, então, de acordo com Arguello (2005), com o intuito de “fabricar” indivíduos numa economia calculada e permanente de pequenos procedimentos, permanecendo imperceptível àqueles que não são a elas submetidos.

A normalização pode transparecer através de acontecimentos que tomam amplitudes simbólicas, como por exemplo, um jovem da periferia sendo exibido em programas voltados para exposição da criminalidade na televisão e que passa a servir de referência a que tipo de pessoas a sociedade deve combater. Utiliza-se a promoção da diferenciação, homogeneização,

hierarquização e exclusão, como forma de manter a padronização dos indivíduos conforme regras socialmente elencadas (FOUCAULT, 2012).

Os participantes de grupos considerados segregados, para serem aceitos dentro dos esquemas sociais vigentes, passam a ter que se enquadrar segundo direcionamentos tais como o trabalho, religiosidade e apego aos valores familiares, os quais são utilizados como forma de legitimação social (COIMBRA, 2006). Os segmentos desfavorecidos e que não agreguem esses valores passam a ser automaticamente considerados perigo social passível de ser extirpado da sociedade e alvo de medidas coercitivas e preventivas.

Acriação de estilos de vida desejáveis, expressos na capacidade de aquisição de viagens, roupas, carros, tecnologias, etc, nem sempre alcançáveis por grande parcela da sociedade, desencadeia choques entre objetivos culturais, normas institucionalizadas e oportunidades reais. Em face disto, são produzidas respostas de adaptação, dentre elas a violência (LEAL, 2010), o que pode estar contribuindo para o aumento dos índices reais de delitos, mas que não necessariamente corresponde à realidade da criminalidade e violência repassada pelos meios de comunicação.

A quantidade de sujeitos que não se enquadra nos projetos sociais vigentes, caracteriza uma espécie de “Lixo humano” que não se mostra útil aos objetivos da organização social em vigência. A população considerada excedente permanece causando desconforto, incômodo, medo e ansiedade ao contexto social (BAUMAN, 1999), restando poucos locais socialmente validados que possam acomodá-los, sendo que os presídios estão entre os poucos locais possíveis.

Devido ao incômodo e a sensação de ameaça constante vem sendo aprimorados os mais diversos processos de vigilância como meio de controle para o crime (GARLAND, 2008). Alguns estereótipos passam a ser reforçados e apresentado como perigoso, tanto para os ricos como para os pobres, dando, assim, um perfil a ser alvo de vigilância generalizada, que passa a se configurar como foco principal das medidas de proteção e direcionam o comportamento coletivo a evitá-los. O roteiro de normalização e homogeneização de identidades pode enquadrar-se assim como uma tecnologia de poder, por estar de acordo com critérios vinculados à sanção normalizadora (FOUCAULT, 2012). Sob essa perspectiva algumas identidades acabam sendo marginalizadas e tendo seu acesso barrado aos espaços sociais mais valorizados.

Os estereótipos nesse caso dão um rosto para a vigilância generalizada, que passa a se configurar como alvo principal das medidas de proteção e intensificação dos processos de normalização social e direcionam o comportamento coletivo a evitá-los. O roteiro de normalização e homogeneização de identidades pode enquadrar-se, então, como uma tecnologia de poder, por estar de acordo com critérios vinculados à sanção normalizadora (FOUCAULT, 2012). Associação essa, que se dá através da construção de conceitos e representações que predizem conhecimento a respeito da violência e sujeitos a ela relacionados, que estabelecem, com isso, parâmetros de comportamento e supõem vigilância e penalizações aos considerados desviantes.

Dentro desse circuito observa-se que as relações de poder intrincadas nessa demarcação de lugares dizem respeito à capacidade de determinar quais identidades devem ser tidas como modelo a ser alcançado e quais são marginalizadas e com acesso barrado aos espaços sociais mais valorizados. Esses critérios são decorrentes de práticas culturais que, para Guareschi et al (2002), fazem jus a certos valores em detrimento de outros, representações essas que determinam comportamentos e categorias, marcadores por meios dos quais os sujeitos se identificam e se posicionam.

Os indivíduos fora do padrão hegemônico e apontados pelo tecido ideológico como antagonistas à ordem social são, com frequência, considerados sujeitos a serviço da violência e que acabam sendo usados para reafirmação do papel dos considerados “cidadãos de bem”, como chefes dentro de uma sociedade. Jodelet (2001), a esse respeito, aponta ainda que indivíduos em não conformidade com o socialmente esperado podem ser enquadrados em estereótipos de deslegitimação (que visam excluir moralmente um grupo dos valores aceitáveis) e são passíveis de representar medo e estranheza, justificando, dessa forma, violências e penas das quais se tornam alvos.

Sob essa perspectiva desponta a necessidade de distinguir alvos, estereótipos antagonistas sustentados ideologicamente que, pelas próprias condições nas quais estão inseridos, acabam muitas vezes reafirmando o lugar ao qual são designados, reforçando, simbolicamente, cada vez mais, as virtudes daqueles a que se opõem (BIROLI, 2011). ■

4. ALTERIDADE, REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E O FENÔMENO “ROLEZINHO”

Na busca pelo entendimento da construção de identidades em ambiente de alteridade, pode-se levantar o fenômeno da produção das representações sociais, que para Serge Moscovici (2010) funcionam como maneiras de interpretar e pensar a realidade cotidiana, dando ordenações das coisas que fazem parte da nossa realidade.

As representações familiarizam algo que não é familiar e proporcionam uma espécie de “tradução” para sua devida apropriação. Dessa maneira, abordam-se determinados conceitos/ idéias com uma lei geral, agregando-se a eles todos os outros considerados similares por meio de uma mesma característica geral. As representações configuram perspectivas de realidade e são, portanto, capazes de influenciar o comportamento dos indivíduos (MOSCOVICI, 2010).

Moscovici (2010, p. 56) aponta ainda que indivíduos de outras culturas “são vistos como seres iguais a nós, mas que não são como nós”. São categorizados, então mediante perspectivas gerais e estereotipadas, já que pelo desconhecimento que se tem sobre elas são equiparadas a uma idéia geral.

É esse encontro com o diferente, gerador de angustia, que proporciona o advento dos rolezinhos em que, adolescentes de periferia, junto com todo estereótipo a eles associado de crime, medo e violência, passam a frequentar espaços antes simbolicamente barrados. A reação de incômodo e não pertencimento acaba se materializando

algumas vezes em impedimento efetivo para frequentar ambientes considerados não convenientes.

De acordo com Machado e Scalco (2015), os rolezinhos funcionam como espaço de sociabilidade nos quais os jovens se reuniam para passear, ouvir funk, namorar. Os shoppings, por sua vez, refletem diretamente esse espaço que remete ao consumo, ao poder de compra e estabelece símbolos e signos que hierarquizam as pessoas dependendo do que estas podem consumir. Nesse sentido, o rolezinho, é também um espaço de apropriação de espaços e de práticas de consumo, ainda que simbólicas, que faziam desses jovens da periferia, sem distinção das demais classes sociais.

Os rolezinhos se configuram como uma nova forma de sociabilidade estabelecida através da rede que possibilita a esses grupos, organização e articulação. Mesmo habitando espaços territoriais distintos, esses jovens se unem, através da rede, em um espaço simbólico que permite que eles mantenham contato, troquem experiências, criem símbolos comuns e celebridades próprias. A articulação dos grupos permite inclusive, novos usos da cidade, novas formas de entender espaços e não aceitar suas demarcações através de classes.

O rolezinho é um dos aspectos que compõem um fenômeno mais amplo das periferias urbanas do Brasil – os chamados “bondes”, as gangues, os grupos e os clãs juvenis. Portanto, as reuniões aos shoppings para passear, comprar e namorar é uma das características da sociabilidade juvenil entre outras práticas e cosmologias periféricas. (CARVALHO; SCLACO, 2015, p. 6)

O que se pode observar é que no período em que os rolezinhos ficaram mais populares, boa parte das narrativas midiáticas depreciavam o movimento, fazendo com que vários estereótipos amplamente divulgados como definidores dos moradores da periferia fossem ainda mais naturalizados no imaginário social, numa clara abordagem de alteridade e fabricação de representações sociais para com esses jovens.

Em Teresina, dois rolezinhos foram realizados. O primeiro aconteceu em março de 2014 e o segundo, em abril do mesmo ano. Os jovens se reuniram em dois lugares: o parque Potycabana e o Shopping Teresina, ambos, lugares que há nítida hierarquia de classes e demarcação de consumo. É por isso que o artigo surge com o objetivo de analisar como o portal Cidade Verde, site noticioso da cidade de Teresina, abordou os eventos. ■

5. ANÁLISE DAS MATÉRIAS PUBLICADAS NO SITE CIDADEVARDE.COM SOBRE O “ROLEZINHO”

Para atender aos objetivos propostos nesta pesquisa será utilizada a técnica de análise de conteúdo, que segundo Bardin (2011, p. 48), é:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens.

No conjunto das técnicas de análise de conteúdo, a escolhida para a realização deste trabalho é a análise por categorias, uma técnica muito utilizada quando se pretende ir além da leitura simples do real, de seus significados. É uma técnica que se baseia na interpretação das mensagens e de seus conteúdos, permitindo analisar mensagens obscuras, de duplo sentido. Trata-se de uma observação cuidadosa, sistemática, objetiva, que atua por meio do desmembramento e categorização para posterior análise temática (BARDIN, 2011, p. 202).

A análise categorial, segundo Bardin (2011, p. 43), leva em “consideração a totalidade de um “texto”, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido”.

Ao todo, 6 matérias foram analisadas. O corpus diz respeito ao total de matérias produzidas sobre os “rolezinhos”

em Teresina. As matérias foram escritas nos meses de março e abril do ano de 2014. Abaixo, as categorias que mais prevaleceram entre as matérias estudadas:

1. “Rolezinho” como tumulto e violência, com todas as seis matérias fazendo menção à baderna provocada pelos jovens. **2.** Legitimação da força policial, todas as matérias direta ou indiretamente tratavam sobre o auxílio policial para conter os jovens. Inclusive duas delas publicadas no mesmo dia (05.04) sobre uma operação para conter os jovens nos próximos eventos. **3.** População de bem x jovens da periferia, com 3 matérias falando sobre os eventos e o medo da população ou o desconforto causado pelos jovens. A seguir, faremos a distribuição das categorias fazendo uso de trechos das matérias. ■

6.1 “ROLEZINHOS” – TUMULTO E VIOLÊNCIA

Nas matérias intituladas “Rolezinho na potycabana e confusão em ônibus deixa 20 presos”, do dia 23 de março; “Violência e tumulto ‘Rolezinho’ em Teresina termina com adolescente baleado em shopping”, do dia 03 de maio; e ““Rolezinho” tem um jovem ferido e outro preso em shopping de Teresina”, do dia 04 de maio, são contados os dois eventos que aconteceram em Teresina. Nelas é possível perceber um tom voltado para a manifestação negativa contra o movimento dos jovens.

Em nenhuma das matérias são explicados os motivos da reunião dos jovens e na matéria “Rolezinho na Potycabana e confusão em ônibus deixa 20 presos”, a repórter faz uma definição do que seria o “rolezinho”: “Rolezinhos” são encontros marcados por redes sociais que atraem centenas de jovens a shoppings e parques. Eles entram pacificamente nos locais, mas, depois, costumam promover correria assustando os frequentadores do local”. No trecho é possível perceber um juízo de valor inicial. Há a menção de que o evento é pacífico, mas logo em seguida, há a generalização de que são promovidas correrias, como se em todos os encontros, isso fosse uma prática comum.

Na mesma matéria, ainda é dada voz ao major da PM que reafirma a definição dada pela repórter, quando diz: “Não é a primeira vez, eles sempre se juntam não para brincar, mas para criar baderna”, disse o major John Feitosa. A matéria é finalizada com uma nota do parque potycabana, onde, segundo a reportagem, o tumulto teria iniciado. Na nota, é desmentido que a confusão tenha começado no parque e também é relatado que os jovens, ao serem chamados atenção pelos seguranças,

logo saem pacificamente do local. “Não aconteceu no parque. Houve apenas um pequeno tumulto entre dois adolescentes que teriam iniciado uma briga por namorada. Eles foram abordados por nossas equipes e saíram espontaneamente da Potycabana. O rolezinho começou na parada de ônibus”, disse (PORTAL CIDADE VERDE, 2014).

Nenhuma das matérias ouviu os jovens, apenas a PM. E o tom dos entrevistados reflete, em certo sentido, a criminalização dos eventos. Decerto que, em um dos encontros ocorreu troca de tiros entre adolescentes, mas ao que é relatado nas matérias, a rixa entre os envolvidos já vinha de outros tempos, tal como é exposto na matéria intitulada “Jovem que disparou em “rolezinho” afirma que era ameaçado na internet” publicada no dia 05 de maio. No entanto, apenas relatar acontecimentos negativos dentro do evento, traz uma generalização, a ideia de que todos os jovens que participam do movimento são “baderneiros” ou infratores.

A matéria, tal como foi narrada, deixa claro que o medo da violência, explicitado na busca por evitar situações consideradas perigosas, pode ser considerado como fator gerador de angústia social e atíca um índice cada vez menor de tolerância com atos criminosos, além de desencadear demandas punitivas e de controle, direcionadas principalmente aqueles praticados por parcelas já marginalizadas socialmente. Com a disseminação do medo da violência na população, o crime passa a ser usado como motivação para a implantação de políticas econômicas e sociais voltadas para contingentes populacionais associados a riscos. A criminalidade é vista nesse contexto como resultante de indisciplina, falta de controle por parte do indivíduo ou mesmo falta de controle

social (GARLAND, 2008). Dessa forma, o foco das atenções acaba sendo desviadas das motivações do crime para a preocupação com a segurança, utilizada na tentativa de legitimar restrições de acesso a direitos, tortura e demais formas de violação dos direitos humanos.

6.2 LEGITIMAÇÃO DA FORÇA POLICIAL

Nesta segunda categoria, pode ser levado em conta além das matérias publicadas falando sobre o reforço policial após o tiroteio ocorrido, segundo reportagens, durante um dos rolezinhos praticados em Teresina, também o fato de que os policiais eram fontes oficiais quando se tratou sobre o assunto. A discussão não tomou outros vieses, como por exemplo, a perspectiva de explicar o a fundamentação do movimento, nem mesmo os jovens foram ouvidos em sua defesa.

No dia 05 de maio de 2014, duas matérias enfocaram na questão do reforço da segurança nos arredores do shopping e da potycabana. A primeira delas foi intitulada “Polícia reforça segurança após confusão durante “rolezinho” e a outra, “Região da Potycabana e shoppings terão policiamento reforçado”. As duas matérias publicadas resultam da fala de dois entrevistados, ao vivo, em estúdio de programas da TV Cidade Verde. Na primeira, o entrevistado foi o capitão da PM, Fábio Abreu, que falou sobre as estratégias para reforço da segurança no parque, elogiou o trabalho dos seguranças que segundo o entrevistado, evitaram que algo pior pudesse acontecer e ainda declarou que o jovem detido acusado dos disparos, tinha passagem pela polícia,

como podemos ver no trecho a seguir:

Em entrevista ao Notícia da Manhã desta segunda-feira (05), capitão Fábio Abreu, afirmou que os problemas só não foram maiores graças a segurança do shopping que agiu rápido e conteve o tumulto. O capitão acrescentou que adolescente A. A. M. O. de 17 anos que foi apreendido com uma arma já tem passagem pela Polícia. "Ele é da vila Dagmar Maza e já é conhecido da Polícia, não é a primeira vez", comenta o capitão. (PORTAL CIDADE VERDE, 2014)

A segunda matéria foi feita com base na entrevista com o delegado geral James Guerra. Recebeu a titulação de "Região da Potycabana e shoppings terão policiamento reforçado". Na matéria, o delegado reafirma o reforço do policiamento no local e diz que na verdade, nenhum dos jovens envolvidos na confusão tinha envolvimento com a polícia, indo contra o depoimento do capitão.

Nenhum dos dois tem passagem registrada pela Delegacia do menor Infrator, mas é estranho que o acusado vá com uma arma para um local público encontrar com seu grupo de amigos. Ele prestou informações à polícia e disse que tem uma série de rixas, facebook, mas que não se conheciam pessoalmente. Houve um desentendimento e o disparo, ele alegou que estava em menor número. Mas foi solicitada a internação dele porque é inaceitável que ele estivesse armado e por ser menor, a gravidade é maior, destacou James Guerra. (PORTAL CIDADE VERDE, 2014).

Tal como vemos nas matérias, o reforço policial foi destacado como uma ferramenta para conter os jovens e para preservar os cidadãos de bem. Além

do capitão da PM, também o delegado geral bateram na mesma tecla, em duas entrevistas concedidas no mesmo dia.

Neste sentido, podemos nos aproximar dos estudos de Arguello (2005), quando diz que a resposta à criminalidade, nessas condições, direciona-se aos efeitos do delito (imagem da vítima, medo, custos com a segurança), mais do que às raízes estruturais e político ideológicas da questão, e tem como resposta o aumento de policiais nas ruas, leis mais rigorosas e criminalização de classes potencialmente perigosas, tudo isso noticiado de maneira recorrente pelos meios de comunicação.

A resposta às questões criminais é direcionada primordialmente aos pobres e às comunidades marginalizadas (GARLAND, 2008), que nas ocasiões em que praticam comportamentos criminosos são de maneira geral autorresponsabilizados por seus atos, fato esse que deixa em segundo plano o contexto gerador dos atos em conflito com a lei. Há, nesse sentido, o favorecimento da criação e fortalecimento de estereótipos vinculados aos autores dos crimes (ARGUELLO, 2005). Nesses casos, atrela-se usualmente o controle e vigilância de determinadas camadas sociais à solução do problema da insegurança social, com base na punição de algumas contravenções específicas e alvos de maior estereotipização que outras, o que proporciona ao crime uma face que é apropriada pelas instituições sociais, dentre elas, os meios de comunicação. ■

6.3 POPULAÇÃO DE BEM x JOVENS DA PERIFERIA

A terceira categoria encontrada, diz respeito aos mecanismos usados nas narrativas das matérias como forma de dizer que a mídia e a polícia estavam preocupados com a população de bem.

São matérias que relatam muitas pedidas pela administração do shopping para evitar casos futuros, o impedimento da entrada de menores desacompanhados no shopping, o reforço da segurança que ao parar dois jovens suspeitos, encontrou sobre poder dos mesmos, uma arma de brinquedo.

As matérias demarcam a diferenciação e alteridade social. É certo que outros jovens participaram do evento e tinham interesses apaziguados, mas estes não foram retratados nas matérias, apenas a população que estava no shopping e que se viu diante do tumulto, tal como é possível notar na matéria intitulada: “Rolezinho” tem um jovem ferido e outro preso em shopping de Teresina”. A Matéria conta sobre o tiroteio entre os jovens, enfoca no tumulto e correria e no fato de o shopping ter impedido a entrada de adolescentes no local depois do ocorrido. Ouve a mãe de um dos jovens envolvidos na confusão que diz nem saber do que se trata o rolezinho e que seu filho sempre vai ao shopping com a namorada e é um garoto tranquilo.

O ferido foi encaminhado para o Hospital de Urgências de Teresina (HUT) em uma ambulância. O shopping esteve com acesso limitado durante o tumulto. Adolescentes foram proibidos de entrar no espaço e se acumulam na parada de ônibus em frente ao shopping. (PORTAL CIDADE VERDE, 2014)

Outra matéria que demarca a diferenciação e uso de representações já estabelecidas para jovens pobres da periferia foi publicada no dia 05 de maio e intitulada “- Amigos apoiam rapaz que atirou durante rolezinho e pedem vingança”. A matéria não traz entrevistas, apenas os prints da página do facebook do jovem acusado dos disparos. No texto, fala-se em vingança, em tom de insegurança para os frequentadores dos locais onde acontecem os rolezinhos.

Ainda nesse sentido, como modo de evitar os transtornos, a administração do shopping lança uma multa para os jovens que cometerem badernas no espaço. A matéria foi publicada no dia 06/05 e intitulada: “Pedida multa de R\$ 1 mil contra jovens violentos em “rolezinho””. Na matéria, ainda é falado sobre a possibilidade de entender o rolezinho como crime: “O pedido foi ajuizado na manhã desta terça-feira (6) na 10ª vara cível de Teresina. A sentença dará início ao debate sobre a criminalização do “rolezinho” no Estado.”

Criminalizar um movimento através da generalização dos fatos foi o mote de algumas matérias. Não era um movimento de jovens, era um movimento de jovens da periferia, de bairros situados em áreas de risco. Assim, há uma demarcação clara da segregação social entre a população da zona nobre da cidade e os jovens das áreas periféricas. Arguello (2005) considera que o reforço nas medidas de punição e prevenção do crime expressa, sob a desculpa de proteção dos “cidadãos de bem”, a busca por esconder a impotência do Estado para controlar conflitos e tensões sociais mediante a criação de um inimigo em comum, personificado pelo “outro” criminoso, que acaba servindo de meio para reafirmação do papel de porções da população que se consideram as legítimas representantes da sociedade civilizada. ■

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os indivíduos fora do padrão hegemônico e apontados pelo tecido ideológico como antagonistas à ordem social são, com frequência, considerados sujeitos a serviço da violência. Jodelet (2001), a esse respeito, aponta ainda que tais indivíduos podem ser enquadrados em estereótipos de deslegitimação (que visam excluir moralmente um grupo dos valores aceitáveis) e são passíveis de representar medo e estranheza, justificando, dessa forma, violências e penas das quais se tornam destinatários. Sob essa perspectiva desponta a necessidade de distinguir alvos, estereótipos antagonistas sustentados ideologicamente que, pelas próprias condições nas quais estão inseridos, acabam muitas vezes reafirmando o lugar ao qual são designados, reforçando, simbolicamente, cada vez mais, as virtudes daqueles a que se opõem (BIROLI, 2011).

De acordo com as categorias levantadas, é possível perceber que as matérias analisadas não levantam reflexões sobre o que seja o “rolezinho” ou sobre quais seus objetivos. Existe a generalização de que todos os jovens participantes do evento são “baderneiros” e envolvidos com o mundo do crime, mesmo após entrevista com um delegado que negou quaisquer ligações dos jovens envolvidos no tiroteio com o crime. Nas matérias também não foi aberto espaço para que estudantes, pesquisadores ou os próprios jovens pudessem falar sobre as novas formas de sociabilidade que eles tentam instituir ou os usos que fazem da cidade, ainda que a demarcação desses espaços seja simbólica e o objetivo possa ser se igualar aos demais membros da sociedade.

Pode-se afirmar então que é reforçado através das notícias do rolezinho o estereótipo do adolescente de periferia como antagonista às “pessoas

de bem” e quase que exclusivamente associado à noção de crime e violência. Não ocorre a noção dentro das notícias abordadas de que o espaço dos shoppings pudesse ser utilizado por esses jovens para lazer e, sim, a indicação da associação do aumento de policiamento durante a presença dos mesmos nesses locais. Os rolezinhos podem ser vistos, nesse sentido, como uma forma de adentrar espaços simbolicamente barrados e assim passar a uma sensação mesmo que passageira a lugares e representações identitárias antes interditos mas que, mediante o estranhamento causado pelos usuais frequentadores dos shoppings, passaram a ser interditos para além do plano simbólico através do controle visual e reforço policial.

A violência que figura frequentemente nos meios de comunicação e que foi ponto chave nas narrativas do “rolezinho” em Teresina, na verdade, mostra-se como resultante de interações e relações sociais assimétricas estabelecidas entre os entes de uma sociedade. Nesse sentido, mesmo sendo a existência da violência detentora de características multifacetadas e multideterminadas, as populações estereotipadas como risco ou problemáticas são muitas vezes indiscriminadamente apontadas como grandes causadoras de conflitos. O medo da violência e do crime passa a ser representado na figura desses sujeitos que são, já em virtude dos estereótipos socialmente reforçados, frequentemente reconhecidos e apontados pela sociedade como ameaça social, mesmo quando não a representam de fato. ■

[FLORA FERNADES LIMA]

Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí. Psicóloga Técnica Secretaria Municipal de Assistência Social da cidade de Teresina -PI. Psicóloga graduada pela Universidade Estadual do Piauí.

[LEILA LIMA DE SOUSA]

Jornalista, Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Piauí, PPGCOM/UFPI. Professora Assistente do curso de jornalismo da Universidade Federal do Maranhão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGUELLO, Katie. Do estado social ao estado penal: invertendo o discurso da ordem. In: Anais do Congresso Paranaense de Criminologia. Londrina, mimeo, 2005. Disponível em periodicos.ufes.br/SNPGCS/article/download/1646/1246 . Acesso em 02 nov. 2013.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUMAN, Zygmunt. Globalização: as consequências humanas. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BIROLI, Flávia. Mídia, tipificação e exercícios de poder: a reprodução dos estereótipos no discurso jornalístico. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 6, jul./dez., 2011. p.71-98.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Edusp, 2000.

COIMBRA, Cecília M. B. Direitos humanos e criminalização da pobreza. In: Mesa Redonda Direitos Humanos e Criminalização da Pobreza no I Seminário Internacional de Direitos Humanos, Violência e Pobreza: a situação de crianças e adolescentes na América Latina hoje. Outubro de 2006, Rio de Janeiro.

COIMBRA, Cecília M. B. Produção do medo e da insegurança. Banco de textos de docentes da Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense – UFF, 1997. Disponível em <http://www.slab.uff.br/index.php/docentes/8-textos/42-ceciliatextos>. Acesso em 17 dez. 2013.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

GARLAND, David. A cultura do controle: crime e ordem social na sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Revan, 2008.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org). As representações sociais. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p. 17- 44.

LEAL, José Manuel Pires. O sentimento de insegurança na discursividade sobre o crime. Sociologias, Porto Alegre, ano 12, n. 23, jan./abr., 2010. p. 394-427.

MACIEL, Maria Eunice de S. A eugenia no Brasil. Anos 90, v. 7, n. 11, 1999.

MACHADO, Rosana Pinheiro; SCALCO, Lucia Mury. Rolezinhos: marcas, consumo e segregação no Brasil. In: Revista de estudos culturais; São Paulo, v.1, nº1. 2015.

MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PEREIRA et al. (org.). Linguagens da violência. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

MATÉRIAS CIDADE VERDE.COM

GALENO, Lívio. **“Rolezinho” tem um jovem ferido e outro preso em shopping de Teresina**, 2014. Disponível em: <http://cidadeverde.com/noticias/158401/rolezinho-na-potycabana-e-confusao-em-onibus-deixam-20-jovens-presos>. Acesso em: 11/05/2016.

PEREIRA, Raildo. **Polícia reforça segurança após confusão durante “rolezinho”**, 2014. Disponível em: <http://cidadeverde.com/noticias/161613/policia-reforca-seguranca-aposconfusao-durante-rolezinho>. Acesso em: 11/05/2016.

SENA, Yala. **Rolezinho na potycabana e confusão em ônibus deixa 20 presos**, 2014. Disponível em: <http://cidadeverde.com/noticias/158401/rolezinho-na-potycabana-e-confusao-em-onibus-deixam-20-jovens-presos>. Acesso em: 11/05/2016.

_____. **Pedida multa de R\$ 1 mil contra jovens violentos em “rolezinho”**, 2014. Disponível em: <http://cidadeverde.com/noticias/161767/pedida-multa-de-r-1-mil-contra-jovens-violentos-em-rolezinho>. Acesso em: 11/05/2016.

OLIVEIRA, Caroline. **Região da Potycabana e shoppings terão policiamento reforçado**, 2014. Disponível em: <http://cidadeverde.com/noticias/161654/regiao-da-potycabana-e-shoppings-terao-policiamento-reforcado>. Acesso em: 11/05/2016

PORTAL CIDADE VERDE. **Amigos apoiam rapaz que atirou durante rolezinho e pedem vingança**, 2014. Disponível em: <http://cidadeverde.com/noticias/161607/amigos-apoiam-rapaz-que-atirou-durante-rolezinho-e-pedem-vinganca>. Acesso em: 11/05/2016.